

“AQUI NÃO TEM FRONTEIRA... FRONTEIRIÇO É SER BRASILEIRO E URUGUAIO MISTURADO”: o hibridismo de identidades culturais no desenvolvimento de carreiras na Fronteira da Paz

LARISSA PIRES MARTINS

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA (UNIPAMPA)

LAURA ALVES SCHERER

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA (UNIPAMPA)

Agradecimento à orgão de fomento:

Agradecimento à FAPERGS.

“AQUI NÃO TEM FRONTEIRA... FRONTEIRIÇO É SER BRASILEIRO E URUGUAIO MISTURADO”: o hibridismo de identidades culturais no desenvolvimento de carreiras na Fronteira da Paz

1 INTRODUÇÃO

A carreira na contemporaneidade é compreendida, sobretudo, a partir do indivíduo como o executor da própria carreira e, ainda, com influência das relações que surgem no ambiente (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007). O conceito diz respeito à trajetória profissional, e está relacionado ao comportamento, estudo, profissionalização, experiências de trabalho, entre outros aspectos (CHANLAT, 1995; MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007).

Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007) destacam que a construção das carreiras e as transformações que alteram o mundo do trabalho ocorrem devido ao surgimento de quatro principais contextos: “trabalho”, “origem”, “global” e “sociedade e cultura”. Em relação ao trabalho, os autores ressaltam a importância do ambiente econômico e corporativo, das tendências do trabalho e do relacionamento social constituindo as carreiras. A origem diz respeito ao contexto de classe e origem social, familiar, da educação e história do trabalho, e da situação de vida atual que permite o exercício de determinado tipo de carreira. Já o contexto global, refere-se à oportunidade de carreira a nível internacional e do desenvolvimento social através da virtualização. As carreiras nascem dentro ou fora das organizações e são estruturadas de acordo com as adaptações realizadas pelo indivíduo, bem como pelo ambiente em que elas vivem ou trabalham. Já a sociedade e a cultura constituem as carreiras ao abranger critérios de: (i) gênero, pois ocorre diferença entre o trabalho da mulher e do homem, seja em remuneração, cargos, promoções ou oportunidades no mercado de trabalho; (ii) etnia, devido a ocorrências de discriminação em relação à raça, grupos étnicos ou religião; (iii) demografia, responsável por apurar a população de indivíduos e organizações por região, estados ou profissões; e (iv) fatores comunitários, isto é, a integração do pessoal na sociedade civil, política e religiosa.

Nesse sentido, é possível perceber que a soma de características que integra a cultura na sociedade que o indivíduo faz parte e que compõe a sua carreira é também relacionada ao que Hall (2020) conceitua como identidade cultural. Para o autor, a identidade de cada indivíduo se descreve a partir de traços que a própria cultura influencia aquela pessoa e está ligada à convivência social como, por exemplo, os marcadores de classe, gênero ou raça.

Na modernidade tardia, Hall (2020) considera que as identidades nacionais são moldadas conforme a representação cultural do indivíduo tornando a relação entre cultura e identidade fragmentada. De acordo com o autor, isso ocorre devido às transformações relacionadas ao processo da globalização, o que leva a fragmentar as identidades culturais. O surgimento da concepção de identidade pós-moderna ocorreu devido à descentralização do sujeito. Ele argumenta ainda, que, a identidade não é fixa, é construída ao longo da história, podendo haver mudanças a qualquer momento.

Hall (2020) salienta que na modernidade e globalização, pode acontecer o processo da “crise” da identidade cultural que acaba com a homogeneização cultural. A identidade cultural não é homogênea e na pós-modernidade ela passou a ser conceituada como híbrida, devido às formações de identidade de pessoas que saem de sua cidade natal e que manifestam particularidades da cultura, seja ela em histórias, tradições ou linguagens (HALL, 2020). Canclini (2015, p. 9) entende por hibridação, os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Evidencia-se essa ideia ao analisar regiões de fronteira geográfica.

O Brasil é o único país que faz divisa com a maior parte dos países do continente sul-americano (ALMEIDA; DORFMAN, 2017), sendo que, uma dessas fronteiras terá evidência neste trabalho. Segundo IBGE (2021), Sant’Ana do Livramento no Brasil e Rivera no Uruguai estão entre os 588 municípios que fazem parte da faixa de fronteira brasileira e dos 33 municípios que são consideradas cidades gêmeas, por se tratar de uma fronteira seca em que é possível transitar de uma cidade a outra livremente em qualquer momento do dia. No que diz

respeito aos moradores dos municípios, Goulart, Misoczky e Flores (2017) definem essa relação de fronteira dinâmica, permeável, com inúmeros cruzamentos como Fronteira da Paz, devido às variadas interações. Assim, as culturas dessas cidades e/ou países acabam se misturando, fazendo com que seja criada uma identidade própria, conhecida como cultura fronteiriça.

Quanto à identidade cultural fronteiriça, Muller (2003) aponta que a identidade é uma concepção simbólica e em ambas cidades tem elementos peculiares de cada uma delas. Já Raddatz (2005) destaca que as fronteiras culturais são representadas pela mescla dos elementos de linguagens, costumes e expressões artísticas. A identidade de cultura fronteiriça é considerada como cruzamento da diversidade, pois é capaz de ligar elementos comuns e incomuns das cidades (RADDATZ, 2005) e a integração de duas culturas distintas é denominada como binacional (ALMEIDA; DORFMAN, 2017).

Em decorrência desses fatos, argumenta-se que as cidades de Sant’Ana do Livramento no Brasil e Rivera no Uruguai têm potencial para proporcionar carreiras vinculadas à identidade cultural fronteiriça. Manifestações da cultura características da região através da gastronomia, música e artesanato podem ser nichos de trabalho representativos. Diante do presente cenário, delineou-se como objetivo geral analisar como o hibridismo das culturas brasileira e uruguaia se apresenta nas carreiras de profissionais com identidade cultural fronteiriça na Fronteira da Paz. Como objetivos específicos: (i) mapear profissionais em Sant’Ana do Livramento e Rivera cuja carreira destaque a identidade cultural fronteiriça Brasil-Uruguai; (ii) analisar a trajetória e as características do momento atual da carreira desses profissionais; e (iii) identificar e analisar elementos que compõem a identidade cultural fronteiriça destacando sua importância e influência na carreira desses profissionais.

Sobre essa temática, há estudos relacionados à cultura híbrida nas fronteiras como, por exemplo, o abordado por Caetano, Missio e Deffacci (2017), que constatou o potencial artístico da fronteira e os elementos que compõem a identidade cultural local entre as cidades de Ponta Porã no Brasil e Pedro Juan Caballero no Paraguai. Outro exemplo é o estudo de Almeida e Dorfman (2017), que ressalta as vivências de fronteiras entre o Brasil e o Uruguai e a integração da cultura fronteiriça, tendo como objetivo firmar acordos culturais em prol dos países.

Já sobre os estudos de carreiras, Akkermans e Kubasch (2017) realizaram uma revisão sistemática que aponta que dentre as tendências de pesquisa sobre carreiras está sua relação com a cultura. No Brasil, há algumas iniciativas como a de Calasans e Davel (2020b) que discutiram a importância da identidade na gestão de carreiras criativas de um músico no bairro de Itapuã, localizado na cidade de Salvador. No estudo, os autores analisaram o modelo de identidade organizacional que é dividida em três aspectos da carreira em relação à cultura comunitária do bairro em que o músico reside, sendo elas, a imagem, a cultura e a visão que as pessoas descreveram conforme sua percepção em relação a ele.

Apesar de haver trabalhos com as temáticas sendo abordadas nesta pesquisa de forma separada, até o presente momento não foram encontradas pesquisas direcionadas a culturas fronteiriças com o foco nas carreiras. Sendo assim, essa temática é relevante, pois além de ser um campo novo de estudo, os profissionais estudados poderão compreender a maneira com que a cultura híbrida está relacionada com as suas carreiras. Além disso, os resultados da pesquisa poderão trazer elementos de valorização social da cultura fronteiriça e sua rentabilização para o mercado de trabalho.

2 CARREIRA E A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO

A concepção de carreira não se limita somente ao grau hierárquico profissional ou organizacional ocupado pelo indivíduo. Ela é melhor compreendida quando se considera a dinamicidade do contexto e das mudanças que ocorrem ao longo da sua trajetória (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007).

Chanlat (1995) evidencia dois modelos de carreira que mostram as mudanças do tema ao longo do tempo. Primordialmente, a tradicional que representa o padrão dominante, ou seja,

a carreira de um homem, que geralmente faz parte de equipes estáveis, tem oportunidades de progressão linear vertical (CHANLAT, 1995) e atinge determinado grau hierárquico devido aos objetivos cumpridos (GRANGEIRO; BARRETO; SILVA, 2018). Já o outro modelo trata-se da carreira moderna, a qual caracteriza-se por conter um homem e/ou mulher, considerando a crescente feminização do mercado de trabalho, com grupos sociais diferentes e instáveis, destacando sua progressão descontínua vertical e horizontal (CHANLAT, 1995).

Desde os anos 1990 os desafios enfrentados pela sociedade e pelas carreiras são a instabilidade do mercado de trabalho, os problemas financeiros, o declínio da ética do trabalho, a crise do sistema educacional e a carreira profissional com menos duração (CHANLAT, 1996). Devido à complexidade dos desafios de carreira, estudos atuais têm destacado a necessidade de abrangência de elementos de análise para sua compreensão teórica e adaptabilidade prática.

DeLuca, Rocha-de-Oliveira e Chiesa (2016, p. 472), por exemplo, enfatizam que a “carreira é, ao mesmo tempo, uma trajetória retrospectiva e projetada, dinâmica e mutável, de um indivíduo ou coletividade, revelando negociações entre objetividades e subjetividades”. No que se refere à adaptação da carreira ao longo dos anos, Coradini et al. (2022) observaram publicações das bases de dados *Web of Science* e *Scopus* no período de 2010 a 2019. Os resultados apontam que o desenvolvimento e a adaptabilidade de carreiras é caracterizado devido à ocorrência de uma progressão pessoal ao saber lidar com desafios do cotidiano e evoluir através dos aprendizados. Conforme o estudo, isso fez com que pessoas se transformassem de tal forma a serem mais criativas, decisivas, influentes e resilientes.

A respeito da empregabilidade, Coradini et al. (2022) destacam que as pessoas se adaptam primeiramente ao emprego para depois procurar estudos, habilidades e conhecimentos específicos, adaptando-se de acordo com a necessidade do mercado de trabalho. Já Akkermans e Kubasch (2017) afirmam que, quanto a escolhas e oportunidades de carreira, a herança cultural também influencia na tomada de decisão e impacta nas atitudes de carreira desde seu início até a fase de envelhecimento e aposentadoria.

Em relação ao desenvolvimento pessoal e profissional, Calvosa (2020) montou uma história fictícia após a compilação de relatos de pessoas que acabam deixando de lado a vida pessoal, pensando somente na construção de carreira. Em contrapartida, o autor também aborda perspectivas de pessoas que não têm como prioridade o desenvolvimento ou crescimento profissional, tendo como objetivos prioritários, metas pessoais. Não existe uma forma correta a ser seguida, o estudo auxilia gestores para orientação de outros colaboradores, devido a problemas expostos seguidamente nas organizações, como: falta de tempo com a família, descuido com saúde, ausência de prospecção de metas e desgaste emocional ou físico. O estudo traz perspectivas e decisões de planejamento estratégico, ligando o intelectual, o social, o emocional, o material, o físico e o espiritual, para que não ocorra futuras frustrações no desenvolvimento profissional.

Diante do exposto, nota-se que o foco da concepção de carreira está relacionado com o indivíduo, a organização, a sociedade (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007; CALASANS; DAVEL, 2020a), o mercado de trabalho, a cultura e o contexto histórico (CHANLAT, 1995). Destaca-se a importância da relação das carreiras com a sociedade e a cultura, em virtude que uma reflete a outra (CHANLAT, 1996), já que fatores que influenciam as carreiras sobre esse contexto são marcadores sociais relacionados a gênero, etnia, demografia, fatores comunitários (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007), raça, sexualidade, classe (FRAGA; GEMELLI; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2019) e estrutura social (CHANLAT, 1995). Fatores estes que foram também a identidade cultural de um grupo.

3 IDENTIDADE CULTURAL E CULTURA HÍBRIDA

A identidade nacional é representada pela junção da linguagem, costumes e sistemas culturais. Estes não são aspectos com os quais se nasce, mas sim, são influenciados pelas desigualdades étnicas, sociais, geográficas e históricas (CAETANO; MISSIO; DEFFACCI,

2017; HALL, 2020). Assim, no tempo moderno, as culturas nacionais das quais se nasce são princípios da identidade cultural (HALL, 2020).

Hall (2020) relata sobre três concepções de identidade: primeiro, pela perspectiva do iluminismo, tem-se o sujeito individualista, centrado, descomplicado, esperto, autônomo, ou seja, o indivíduo carrega desde o nascer as habilidades desenvolvidas por si. Em seguida a concepção sociológica, que se difere da anterior, pois o sujeito sociológico declara que não é autossuficiente sozinho e precisa de relações com outras pessoas, unificando vida pessoal, social e cultural. Por último, o sujeito pós-moderno, que se adapta conforme os momentos, podendo ter alterações e outras identidades, logo, o sujeito não tem a mesma identidade sempre.

Houve mudanças no caráter da modernidade tardia e impactos sobre a identidade cultural, em que Hall (2020) distingue a sociedade tradicional da sociedade moderna. O autor entende que a tradicional diz respeito a experiências vividas no passado, mantendo a tradição e simbologias da época. Já a moderna não está relacionada somente a experiências com mudanças abrangentes, a conceitualização está ligada a reflexões sobre a vida de práticas sociais.

Após o início da globalização e do hibridismo entre culturas, a identidade cultural tende a não desligar-se do sujeito e sim, a fragmentar-se. Isso ocorre devido às transformações em relação à classe social, gênero, sexualidade, nacionalidade, entre outros aspectos, e que estão ligadas a mudanças sobre a identidade pessoal e a adaptação conforme novas ideologias. A descentralização do sujeito ocorre, pois a fragmentação não possui identidade fixa, ou seja, o sujeito está acostumado com as constantes alterações culturais (HALL, 2020).

Os processos culturais transformam as identidades culturais e a concepção de identidade que reflete de acordo com o caminho que o indivíduo deseja seguir (MOURA; SOUZA-LEÃO, 2020). Em razão da troca de experiências com outras pessoas e com a ajuda que a tecnologia proporciona, em ter fácil contato com outras culturas, a identidade de cada indivíduo se caracteriza de acordo com esses relacionamentos e fragmenta a identidade cultural (SILVA, 2019). A cultura é representada pela maneira de viver em sociedade, sendo caracterizada por bens materiais ou imateriais, isto é, são retratados através dos costumes, dos hábitos, dos valores e da identidade (SANTOS et al., 2021), que se manifestam através do idioma, da gastronomia, da arte, da música, dentre outros aspectos (CANCLINI, 2015).

Quanto aos processos culturais que antes existiam de forma separada, após a modernidade tardia, a união de novas estruturas, objetos e práticas fez com que Canclini (2015) classificasse essa mistura como hibridação. O autor ainda declara que o hibridismo ocorre em fronteiras entre dois países ou grandes cidades. No Brasil, o hibridismo cultural é motivado pela miscigenação histórica e a vasta expansão territorial do país, devido a influências culturais e sociais de outros povos (CAETANO; MISSIO; DEFFACCI, 2017). Sua concepção, está relacionada à identificação de uma pessoa através de fronteiras naturais em que mantém vínculo com sua terra natal e está disposta a viver a cultura local, ou seja, existem duas ou mais identidades culturais (HALL, 2020).

Fronteiras são caracterizadas pela divisão de dois países ou estados (ALENCAR; COSTA; COSTA, 2017). Para o setor agrário, a referência está no limite da área territorial para a agricultura. Já para a sociologia, é determinada através da separação, divisão ou diferença de grupos sociais. Quem vive entre fronteiras, nota que a separação do território é apenas uma área de contato e de intercâmbio, e são diariamente vulneráveis a esse vínculo, visto que a delimitação desses lugares é invisível e um é pertencente ao outro (ENNINGER, 2013).

O termo fronteiriço está relacionado à identidade própria e ao privilégio de vivenciar entre duas nações (MULLER; OLIVEIRA, 2005). Cotidianamente, em regiões fronteiriças ocorrem grandes fluxos de pessoas que percorrem a fronteira, isto é, movimentam-se de um país para outro a fim de realizar diversos afazeres, seja em trabalho, comércio, estudo, entre outros (ENNINGER, 2013). Uma cidade fronteiriça se caracteriza pela diversidade na gastronomia, nos empreendimentos, na arquitetura e, sobretudo, na cultura (FABIANO, 2021).

O cruzamento e conservação da cultura local, regional e internacional é um processo de

criação de uma nova cultura, denominada como cultura fronteiriça, devido à relação e às dinâmicas entre moradores locais (MULLER; OLIVEIRA, 2005; PIMENTEL, 2021). No que se refere a direitos de pessoas fronteiriças, no ano de 2004, o Decreto nº 5.105, promulgou o acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai para a permissão de residência, estudo e trabalho a fronteiriços nos dois países (BRASIL, 2004). Pimentel (2021) menciona elementos que ocorrem somente em países que fazem fronteira, devido à facilidade em transitar nessa região, ou seja, o fronteiriço tem o modo de se comunicar diferenciado, diariamente os moradores são influenciados pela culinária e compras, além de ter acesso para atividades de trabalho e educação no outro país.

Uma das características da cultura fronteiriça é de pessoas irem a outro país estudar. Peres e Scherer (2018) citam em seu estudo que, por ser tão comum a circulação na fronteira, muitas pessoas optam por estudar na outra cidade, como no caso da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) que por estar na fronteira com Uruguai e Argentina, desde o ano de 2011, possui processo seletivo específico para os fronteiriços que moram nas cidades fronteiriças para concorrer a vagas em cursos ofertados pela universidade e, assim, iniciar sua vida acadêmica.

Sturza (2019) destaca que em cidade fronteiriça algo marcante é a linguagem única que o ambiente tem. Em fronteiras entre os países Brasil-Uruguai e Brasil-Argentina, o contato linguístico do português e espanhol gerou uma nova forma de linguagem dessa região, conhecida como portunhol. A autora salienta que essa construção de linguagem foi consolidada por decorrência de práticas comunitárias utilizadas por pessoas fronteiriças, por ter traços da construção identitária dos falantes. Cotidianamente, é utilizada a junção dos dois idiomas para nomear lugares, anúncios, negociação de preço, cardápios em restaurantes, entre outros, tornando o portunhol um marcante cultural presenciado unicamente em regiões fronteiriças e que, mesmo assim, difere o vocabulário de uma fronteira e de outra.

Diante do exposto, percebe-se que a noção teórica de identidade cultural pode ser entendida pela hibridação de culturas, como a cultura fronteiriça e essa, por sua vez, pode influenciar significativamente na formação das carreiras dos indivíduos locais.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo buscou analisar como o hibridismo das culturas brasileira e uruguaia se apresenta nas carreiras de profissionais com identidade cultural fronteiriça na Fronteira da Paz. Para isso, foi realizada uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, com entrevistas narrativas e observação direta. Para Gil (2002) o objetivo da pesquisa exploratória é o desenvolvimento ou descoberta de novas ideias e que no andamento é bem flexível, podendo ter variações nos aspectos estudados. Quanto à abordagem qualitativa, o autor afirma que o pesquisador terá que se envolver com o campo de pesquisa e compreender os processos pertinentes àquela realidade.

A entrevista narrativa, de acordo com Jovchelovitch e Bauer (2003), tem como objetivo compilar relatos através de histórias contadas nas entrevistas. Os informantes relembram momentos e têm liberdade para contar experiências já vividas. É através desta técnica que o entrevistado tem maior liberdade para as respostas, sendo de forma livre e espontânea. O pesquisador tem um roteiro predeterminado e pode guiar-se por ele. No entanto, não impede de realizar questionamentos quando necessário, ou seja, sair do roteiro, sendo uma técnica mais livre e moldada de acordo com o andamento da entrevista.

Foram realizadas nove entrevistas narrativas, sendo cinco delas com profissionais do setor musical e quatro com *chefs* gastronômicos residentes na Fronteira da Paz, ou seja, nas cidades de Sant'Ana do Livramento no Brasil ou Rivera no Uruguai e que julgam a identidade cultural fronteiriça como uma característica da sua carreira. Para encontrá-los, foi acionada a rede de contatos de uma das pesquisadoras que é nativa desta região de fronteira e realizada a técnica de bola de neve, além de observar na rede social *Instagram* o perfil dos possíveis entrevistados verificando se suas postagens faziam menção sobre a cultura fronteiriça. O roteiro

de entrevistas semiestruturado foi elaborado para responder os objetivos específicos tendo como base as noções teóricas de identidade cultural, cultura híbrida e carreira em contexto. As entrevistas foram gravadas em arquivos de áudio no local de preferência dos entrevistados entre os meses de abril e maio de 2023 e tiveram duração média de 1 hora.

De forma complementar, foi realizada uma observação direta no local de trabalho de um músico entrevistado. Foi anunciado na rede social do *Instagram* por um dos entrevistados um evento musical que aconteceria em um *pub* na área central de Sant'Ana do Livramento. Observou-se que, já no nome do projeto, estava evidenciada a questão da fronteira, com o título de 1ª *Peña* Fronteira. Ainda na descrição da publicação, evidenciou-se a expressão “*Buenasss Amigossss!!!*”, que é uma saudação que faz referência à mescla dos idiomas português e espanhol existentes nas cidades. O projeto objetiva reunir amigos e cantar músicas que representem a cultura da Fronteira da Paz. A pesquisadora participou do evento no dia 04 de maio de 2023 por em torno de 40 minutos observando os acontecimentos, com objetivo de analisar na prática as referências destacadas durante a entrevista e perceber outros fatores que pudessem aparecer na observação. Foi utilizado um caderno de notas e registro em fotos.

Desta forma, é possível observar que a pesquisa exploratória, qualitativa com coleta de dados através de entrevistas narrativas e observação direta é adequada para esse estudo, visto que os entrevistados podem contar e expor suas vivências, seus hábitos, seus costumes, e outros entrelaçamentos relativos à vida e trabalho que formam suas carreiras na fronteira.

Na análise dos dados, de acordo com Jovchelovitch e Bauer (2003), após a coleta dos dados obtidos nas entrevistas, o investigador começa o processo de transcrever as falas conforme foram gravadas. A atenção neste momento não é somente no contexto geral da entrevista, devem ser consideradas todas as pausas, sons e entonação da voz, deixando a transcrição rica em detalhes, da mesma forma que as entrevistas. Ainda de acordo com os autores, na próxima etapa ocorre a análise da pesquisa narrativa. O entrevistador deve fazer uma análise temática, ou seja, uma redução gradual do texto, sendo reduzido em paráfrases. Os parágrafos são parafraseados em sentenças sintéticas e seguidamente por palavras-chave. Desta forma, as narrativas foram divididas em três partes, na primeira a transcrição das falas, seguido da redução do texto transcrito e, por fim, as palavras-chave. Ao realizar os seguintes passos, a interpretação das entrevistas levou aos resultados. Estas orientações foram seguidas pela pesquisadora, mas para melhor inteligibilidade das falas dos entrevistados, os trechos utilizados tiveram o português corrigido, excluindo vícios de linguagem e mantendo expressões idiomáticas regionais.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 Perfil dos entrevistados

A pesquisa foi realizada com indivíduos que evidenciam a identidade cultural fronteiriça como característica de sua carreira na Fronteira da Paz. O perfil dos entrevistados foram agrupados e apresentados no Quadro 1. Para preservar a identidade dos entrevistados, os músicos foram identificados por nomes de ritmos musicais e os *chefs* por nomes de pratos típicos da região da fronteira. Em sua maioria, buscou-se nomeá-los através de referências da carreira apresentadas durante as entrevistas. Por exemplo, o entrevistado 2 foi chamado de Candombe, por ter este ritmo como forte referência em seus trabalhos; o entrevistado 5 foi chamado de Chacarera por ter em seu repertório a música “*Chacarera Fronteriza*”; o entrevistado 7 foi chamado de Parrillada por ter como *slogan* da sua marca “Gastronomia de Fogos” e inspiração pela culinária uruguaia; o entrevistado 8 foi chamado de Carreteiro por ter como estilo de cozinha a comida campeira, e; o entrevistado 9 foi chamado de Choripan por ser o criador do evento ChoriCeva. Os demais entrevistados procuraram-se nomear por referências brasileira-uruguaia de ritmos e pratos típicos da região.

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados

Nome	Cidade natal	Idade	Gênero	Formação	Profissão	Atuação
MÚSICOS						
Chamamé	Sant'Ana do Livramento - RS	28	M	Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Técnico em Meio Ambiente e Radialista	Músico Servidor público Comércio	16 anos 2 anos Não informado
Candombe	Sant'Ana do Livramento - RS	37	M	Bacharel em Administração e graduando em Ciências Econômicas	Músico Agente educacional	20 anos 5 anos
Vanera	Sant'Ana do Livramento - RS	49	M	Ensino Superior incompleto	Músico Compositor	35 anos
Milonga	Sant'Ana do Livramento - RS	61	M	Ensino Fundamental incompleto	Músico	35 anos
Chacarera	Sant'Ana do Livramento - RS	25	F	Bacharel em Jornalismo	Cantora Jornalista	15 anos 2 anos
CHEFS DE GASTRONOMIA						
Pancho	Sant'Ana do Livramento - RS	39	M	Ensino Médio completo	Chef de cozinha Empresário	11 anos 2 anos
Parrillada	Horizontina - RS	42	M	Bacharel em Arquivologia, Mestrado em Patrimônio Cultural	Chef de cozinha Servidor público	8 anos 19 anos
Carreteiro	Sant'Ana do Livramento - RS	54	M	Ensino Fundamental completo	Chef de cozinha Servidor público	28 anos Não informado
Choripan	Sant'Ana do Livramento - RS	48	M	Graduação em Gastronomia	Chef de cozinha Empresário	23 anos 30 anos

Fonte: elaboração própria (2023).

Quanto à cidade natal, todos são gaúchos, sendo oito profissionais de Sant'Ana do Livramento e um dos *chefs* natural de Horizontina (mas mora na fronteira há 8 anos). Uma das entrevistadas é *doblo chapa*, isto é, tem nacionalidade brasileira e uruguaia. Em relação à faixa etária, o perfil é de 25 a 61 anos. A maioria são homens e somente uma entrevistada é mulher.

Quanto à formação acadêmica, quatro têm ensino superior e os demais, ensino fundamental ou médio. Somente um tem formação educacional em gastronomia e nenhum tem formação (educação formal) na área de música. Carreteiro comenta que sua formação profissional vem da aprendizagem cotidiana, como observamos no trecho:

“Eu não tenho nenhuma faculdade de cozinha. Fui aprendendo com o passar do tempo. Hoje eu consigo controlar uma cozinha, fazer alimentação para 700 mil pessoas. Essa denominação que te coloca um chef de cozinha, não é pela escola de culinária, é o que tu consegue fazer dentro do âmbito de uma cozinha” (CARRETEIRO).

No setor de música, é possível perceber que a profissão de cantor/compositor/instrumentista se apresentou desde cedo, antes do que outras profissões, devido a influências da família. Observa-se o inverso no setor de gastronomia, pois a atuação como *chef* surgiu mais tarde, depois de ter se estabilizado em outra profissão, exceto dois deles que sempre trabalharam no ramo alimentício. Ressalta-se ainda, que a maioria dos entrevistados não trabalha somente com música ou gastronomia, ou seja, tem outra área de atuação profissional.

5.2 Trajetórias de carreira na música e gastronomia

As trajetórias de carreira, de acordo com Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007), estão relacionadas com a **origem** do indivíduo que se refere ao contexto de classe e origem social, da família, da educação, da história do trabalho e da vida atual do profissional. Percebeu que a origem é forte influenciadora das trajetórias de carreira dos músicos e dos *chefs* gastronômicos entrevistados, sobretudo em função da família ser composta por pessoas dos diferentes países, como relata Chamamé: “minha família é de origem brasileira, tanto pai quanto mãe, mas tive uma avó que era castelhana. Por parte de pai, minha bisavó era castelhana e depois já puxou do alemão também” (CHAMAMÉ). Essa mescla de origens dos familiares vai agregando as diferentes culturas e caracterizando o hibridismo cultural (HALL, 2020; CANCLINI, 2015).

Na Fronteira da Paz, essa mistura de origens familiares é ainda mais recorrente, pois, conforme Enninger (2013) e Pimentel (2021), são dois países lado a lado e que têm livre acesso em trocas diárias, tanto para lazer, moradia, compras, trabalhos e/ou estudos. Evidencia-se que esse intercâmbio de culturas também está presente na formação familiar de Chacarera:

“Justamente por eu ter a família materna uruguaia e a família paterna brasileira, sempre convivi 24 horas por dia com esse intercâmbio de cultura de território, que na verdade é uma coisa imaginária, né? A minha avó nasceu no interior do Uruguai e mora no Uruguai, né? Então eu me criei da minha casa, pra casa da minha avó. Atravessando a linha divisória e, conseqüentemente, convivendo com todo esse intercâmbio de culturas que existem aqui na nossa fronteira, que é algo muito único e que eu, desde muito pequena, sempre aprendi a admirar” (CHACARERA).

Calasans e Davel (2020b) compreendem que valores individuais, sociais e artísticos contribuem para a formação da identidade do indivíduo e, por sua vez, na formação das carreiras. Nesse sentido, percebe-se que, concomitante à influência familiar, as lembranças da infância também são instrumentos de escolha e estímulos da carreira, devido a experiências vividas no passado transpostas para vida e o trabalho atual (HALL, 2020). Destaca-se essa ideia a partir dos relatos sobre diferentes tipos de instrumentos musicais e sobre o manuseio de utensílios de cozinha típicos da região que foram aprendidos com familiares:

“Tive influência da família e origem... Eu era guri de 10 anos, eles já tocavam e cantavam. Quando eu tive meus 12 anos, a minha mãe já me deu uma gaita de botão e entrei pra aula. Depois já tava tocando em duas invernadas [grupos de dança gaúcha]. Com 17 anos comecei a tocar em festival e não parei mais” (VANERA).

“Meu pai fazia a preparação das refeições dele em fogo de chão, em cima de uma trampe, era bem rústico, mas era a comida mais saborosa que eu comi até hoje. Nunca mais consegui comer uma comida igual, mesmo tu fazendo em casa, não tem aquele gosto, aquele tempero que tinha da culinária que meu pai fazia, daquele maneira rude que era” (CARRETEIRO).

“A própria criação familiar foi dentro de CTG, né? Então, a partir daí eu comecei a desenvolver o gosto pela música e pela arte. Participava das invernadas de dança e artísticas, concursos de canto. E daí, peguei o gosto pela música e passei a fazer aula de violão, e aprender um pouco sobre a música e a cultura do Rio Grande do Sul. Com o tempo passei a desenvolver um pouco mais no instrumento, em ter um pouco mais de desenvoltura e nasce o gosto também pela composição” (CANDOMBE).

O Centro de Tradições Gaúchas (CTG), citado por um dos entrevistados, faz parte do movimento tradicionalista do Estado do Rio Grande do Sul, com o propósito de propagar hábitos, crenças e celebrar a tradição e o folclore da cultura gaúcha (FERRARO, 2020). Dentro desse movimento, é comum acontecer festivais no estado, tanto na gastronomia, quanto em músicas nativistas que evidenciam a cultura. Diante disso, é possível analisar o quanto as carreiras de músico e *chef*, além do talento, têm influências familiares e da infância, corroborando com Akkermans e Kubasch (2017), que a cultura presente no cotidiano instiga a procura por novos aprendizados e o aprendizado com a família reflete a escolha de carreira.

No que se refere ao **início da carreira**, percebe-se o apoio e presença da família e de pessoas próximas, através de gestos demonstrados e incentivo pela descoberta, conforme relatos a seguir, respectivamente, de Pancho, Chacarera e Chamamé: (i) “Sempre gostei e tive

desenvoltura para culinária. Ajudava meus pais desde novo com a lida em casa, então tinha que me virar. Comecei a tomar gosto pela cozinha e ter o meu jeito de fazer, mas habilidades a gente só tem dentro de uma cozinha mesmo, depois de adquirir muita experiência” (PANCHO); (ii) “Quando eu tinha mais ou menos uns 7 anos de idade, foi quando eu comecei de fato, incentivada por uma madrinha. Na época, era algo muito despretensioso, então comecei a fazer aula de música e cantava as músicas que eu gostava” (CHACARERA) e; (iii) “Lá pelos meus 8 anos conheci a parte cultural através da poesia e comecei a declamar. Com 13 anos, iniciei na música nos festivais nativistas e fui um dos primeiros cantores daqui de Livramento a ter conquistado o primeiro lugar num festival nativista tão jovem, eu estava com 16 anos na época” (CHAMAMÉ). Percebe-se que as relações humanas estabelecidas ao longo da vida em torno dos aspectos culturais influenciam as escolhas e os contornos que o indivíduo dá para a sua carreira, o que também pode ser considerado como uma construção coletiva de carreira (DELUCA; ROCHA-DE-OLIVEIRA; CHIESA, 2016).

Termos relativos ao nativismo são bastante utilizados por quem vive no Rio Grande do Sul e cultiva as tradições regionais. O nativismo diz respeito ao sentimento que sustenta o que se entende como cultura gaúcha em seus inúmeros sentidos e sentimentos (FERRARO, 2020). Nos festivais gaúchos, nos grupos artísticos, nas músicas, termos nativistas são usados para evidenciar a cultura e o folclore ali existentes. Desde o início da carreira dos músicos entrevistados, o cultivo da cultura nativista e a mescla das culturas Brasil-Uruguai estão presentes, como no nome do primeiro grupo que Candombe trabalhou:

“Eu juntamente com um grupo de amigos, a gente formou o grupo *Charla* de Fronteira. Eu tinha 16 anos, acho, na época, era o mais novo do grupo. E a gente começou a fazer apresentações, abertura de feiras, de shows, por exemplo, a gente fez a abertura do show do Luiz Marengo [cantor nativista de projeção estadual]” (CANDOMBE).

No início da carreira alguns tiveram oportunidade no local de origem, outros em cidades diferentes. Na primeira experiência após a formação do curso de Gastronomia, pode-se perceber no relato de Choripan que, após 1 ano de concluir o curso, ele inaugurou o primeiro restaurante em Porto Alegre. O estabelecimento funcionou por 6 anos até seu retorno à Fronteira da Paz, por ter recebido um convite para trabalhar em uma empresa bem conhecida em Rivera (Uruguai): “gerenciei a parte de gastronomia do hotel do Cassino da [rua] Sarandí, ali eram três restaurantes e cinco bares. Todos os eventos, todo o *room service*, café da manhã, tudo o que tinha gastronomia, alimentos e bebidas” (CHORIPAN).

Quanto à trajetória profissional, três dos cinco profissionais de música desempenham **outra atividade laboral**. Evidencia-se esse ocorrido com Chamamé, que além de músico, trabalha no setor público na parte da manhã e à tarde com a família: “Faz 51 anos que meu pai tem comércio aqui na [rua] 24 de Maio, inclusive à tarde eu trabalho nessa parte de agroindústria, então tem uma ligação com o setor primário, não adianta. É produção de linguiça e bem tradicional aqui em Livramento” (CHAMAMÉ). A produção de linguiça é algo muito forte e corriqueiro em Sant’Ana do Livramento, as produções têm um diferencial comparado a outras cidades, devido ao preparo diversificado dos demais já existentes no mercado.

Uma das estratégias de carreira desses profissionais é participar de **eventos binacionais** que ocorrem na Fronteira da Paz, pois são momentos que marcam mais uma vez a união do Brasil-Uruguai. Choripan, inclusive, foi um dos idealizadores de um evento gastronômico que valoriza uma iguaria fronteiriça e que ocorre na linha divisória entre os países: “Eu inventei o ChoriCeva, trabalhando desde o primeiro Enogastronomia, festival [...] que vai acontecer a oitava edição em julho” (CHORIPAN). Os eventos gastronômicos citados, são realizados semestralmente e anualmente respectivamente, tem como localização um dos marcos divisórios das cidades, o Parque Internacional, símbolo de união dos dois países. Local onde são reunidos comerciantes, entidades, empresários, população das cidades e tantas outras pessoas que prestigiam os eventos. Na busca por instigar o crescimento e qualificação, não só da gastronomia fronteiriça, como também das áreas de música e artistas em geral, valorizando a

produtividade local e fortalecendo o desenvolvimento econômico da fronteira em que a cultura híbrida desses profissionais desenvolvem suas carreiras. Observa-se, ainda, que o entrevistado Parrillada também menciona sobre outro evento: “Em 2018, eu resolvi participar do Festival de Assadores de Cordeiro Internacional, que acontecia em Rivera, daí nós ficamos em segundo lugar na premiação geral entre 40 duplas” (PARRILLADA). Além de servir como vitrine ao mostrar o produto para tantas outras pessoas que prestigiam os eventos, fortalece e reconhece os profissionais presentes em momentos como os citados.

Durante as trajetórias de suas carreiras, os músicos e os *chefs* mencionaram muitas **dificuldades e desafios**, o que Coradini et al. (2022) consideram que, enfrentá-los, faz parte do desenvolvimento, crescimento e evolução profissional. A cantora Chacarera conta como consegue se impor ao passar por essas dificuldades e enfrentá-las de forma que não seja excluída a representatividade da cultura fronteiriça que quer passar em suas apresentações:

“Eu recebi mais ou menos três propostas de show em eventos grandes aqui da cidade que queria que eu cantasse outras coisas, que não folclore, não música regional. E porque, enfim, não gostam ou não, não queriam. Óbvio que eu canto qualquer coisa, porque eu sou, além de ser um artista regional, eu sou cantora. Mas tu acaba muitas vezes ter que dizer: olha, o meu trabalho é esse, o que eu faço é isso, eu canto folclore, o meu show é esse aqui. Se vocês quiserem levar esse show pra um evento, eu acredito que vai agregar muito. Se vocês não quiserem, infelizmente eu não consigo criar um show do zero com outra proposta, até mesmo porque não é isso que eu quero passar pras pessoas” (CHACARERA).

O artista fronteiriço que leva em sua carreira as características da cultura e folclore da região tende a ter um público mais específico local, não abrangendo outra localidade. Quanto ao relato de Chacarera, é possível analisar que mesmo em locais de fronteira, ainda os contratantes exigem modificações no repertório para abranger um público maior. Ou seja, o artista fronteiriço precisa fazer um esforço maior do que os demais da mesma área, a fim de agradar mais pessoas e acabam desvalorizando profissionais que carregam a identidade local em sua carreira. Outro fator a se considerar nessa situação é o gênero. Segundo Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007), o gênero pode modificar os tipos de dificuldades enfrentadas nas carreiras. Chacarera comenta que isso é evidenciado em vários momentos:

“Principalmente sendo artista independente, estando num nicho bastante limitado, que não tem tantas oportunidades. Eu sendo mulher num nicho, num gênero musical que é majoritariamente masculino, extremamente machista, excludente e tudo mais. Então é uma luta em todos os sentidos, sabe? Uma luta por espaço, por representatividade, por parecer que a gente precisa estar sempre provando nosso valor, provando o que é capaz de fazer. Muitas vezes parece que não importa o que eu faça, não importa o quanto eu seja competente no meu trabalho, o quanto eu conquiste coisas, prêmios, programas. Parece que eu nunca vou ser boa o suficiente pra esse nicho, assim, simplesmente pelo fato de que eu sou mulher” (CHACARERA).

Historicamente, o Brasil é um país machista, o que também se repete na região sul do país. Quanto às carreiras de músico e *chefs* de cozinha, também é notório que o homem está mais presente do que a mulher. Percebe-se isso também quanto aos entrevistados desta pesquisa, já que somente uma entre as nove pessoas é mulher. A oportunidade e a valorização do profissional ainda está atrelada à figura masculina, ainda mais quando isso é tratado em cidades longe dos grandes centros, pequenas e conservadoras como na Fronteira da Paz.

Para Chanlat (1996), existe uma relação das carreiras com a cultura e a sociedade e que são modificadas de acordo com a constante evolução do mundo, seja em novas tendências, novos artistas, novas indústrias, novas necessidades, entre outros. Quando o assunto é sobre gastronomia e música, isso também se repete devido às demandas implementadas pela sociedade e que mudam de geração a geração. Observa-se essas **transformações** quando Chamamé aborda as influências da carreira de músico em gerações diferentes, que para Silva (2019) essa troca de experiência entre as gerações, como por exemplo a dele e do Milonga, fragmenta a identidade cultural: “Ele colheu a inspiração e a vertente dele foi de outros cantores. Foi o Guarani, foi Pedro Ortaça, foi tantos outros e muito do folclore uruguaio” (CHAMAMÉ).

Essas transformações ocorrem pois as identidades não são fixas, podendo acontecer constantes mudanças ao longo da vida (HALL, 2020). Percebe-se o quanto essas transformações foram e são inspiração para a carreira de músico, como pode ser evidenciado no relato de Chamamé:

“A minha geração também bebeu nessa fonte, bebe até hoje. Muitos dos que eu trabalho hoje, tenho parcerias junto, foram os que me inspiraram no início da minha carreira e o cenário nativista ele propicia isso. Lá em 2007, era uma identidade da música nativista que já não era bem diferente da vertente que o Lelé, que o Adair de Freitas, que o Luiz Cardoso beberam. E isso mudou, já era um gênero mais romântico, não era tão campeiro. E aí a minha geração ela misturou, fez uma grande mistura e por muitas vezes eu já fui criticado por isso” (CHAMAMÉ).

Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007) afirmam que a carreira está em constante evolução e transformação. Os músicos se abrem para novas perspectivas a partir do surgimento de tecnologias digitais. O novo projeto de Chacarera, por exemplo, já contou com a estreia nas plataformas digitais e até o momento recebeu dois convidados no estúdio. Candombe se prepara para uma comemoração dos 20 anos de carreira a partir do audiovisual. Baseando-se nisso, Chacarera e Candombe comentam sobre os **planos futuros**:

“Eu tenho várias músicas para serem lançadas. Tem um novo projeto aqui no estúdio que se chama Palco *La Cigarra*, onde eu vou receber convidados. Já gravei com o primeiro convidado, que logo vamos subir nas plataformas digitais. E sigo também com meu show que é esse projeto, né? Que une a música gaúcha, com folclore uruguaio e argentino no repertório” (CHACARERA).

“Minha ideia inicial é fazer uma *websérie* com alguns capítulos, juntando as composições que a gente faz e os compositores que a gente já trabalhou aí nesses 20 anos, né? Juntar toda essa gente que esteve conosco aí desde o início, e ver o que vai sair desse resultado aí de 20 anos de composições e de participação dos festivais” (CANDOMBE).

Percebe-se que a carreira dos entrevistados é considerada moderna, segundo Chanlat (1995), devido às mudanças ocorridas na sociedade e por conta do aumento da responsabilização do indivíduo por sua carreira no mercado de trabalho. Considera-se, segundo os autores Mayrhofer, Meyer e Steyrer (2007) que o indivíduo é executor da própria carreira em razão das influências que surgem no ambiente, e isso tudo foi e está sendo construído gradativamente trazendo elementos da sua origem e das culturas brasileiras e uruguaias que se sobrepõem e se misturam no cotidiano da vida formando uma identidade cultural única e original, a identidade cultural fronteira.

5.3 Identidade cultural fronteira nas carreiras de músicos e *chefs* gastronômicos

A identidade cultural fronteira é constituída pela influência cultural brasileira e uruguaia que se misturam e se apresentam nas carreiras dos músicos e dos *chefs* gastronômicos entrevistados. Um dos elementos que forma a identidade cultural fronteira são as **famílias híbridas**, ou seja, é comum para o indivíduo que nasce na fronteira ter parentes das duas nacionalidades. Quando se tem um pai uruguaio e uma mãe brasileira, por exemplo, é possível ainda ter o registro das duas nacionalidades, quando o indivíduo fica conhecido como ***double chapa*** (PERES; SCHERER, 2018). Esta é uma característica marcante que fragmenta a identidade de um indivíduo desde o seu nascimento, crescendo com referências de dois países (HALL, 2020). Observa-se que Chacarera é uma cidadã *double chapa*: “se tu abrir a minha carteira ali, eu tenho o RG e tenho a cédula uruguaia” (CHACARERA). Chamamé identifica que ter essas duas nacionalidades e conviver com famílias híbridas compõe a identidade cultural do fronteiro: “Nossas famílias, querendo ou não são muito entrelaçadas né, esse *double chapa* eu acho que ele incorpora a nossa identidade” (CHAMAMÉ).

Outro elemento que forma a identidade cultural fronteira é o **portunhol**, fortemente presente em todos os entrevistados. Caracterizado pela mistura entre o português e o espanhol através de palavras e elementos fonéticos, conceituado como a mescla de idiomas do fronteiro. O portunhol é um exemplo de fragmentação da identidade cultural, visto que o indivíduo não fala somente português, nem somente espanhol, ele mistura os idiomas (SILVA,

2019). No meio artístico, isso se torna evidente nos relatos de Vanera e Milonga: “A gente está na fronteira e não tem como fugir do espanhol, né? Embora não se fale um espanhol aqui na fronteira, se fale um portunhol” (VANERA). A linguagem é uma das características de uma identidade nacional (CAETANO; MISSIO; DEFFACCI, 2017; HALL, 2020) e regional como o sotaque: “A gente tem **sotaque**, carrega em palavras, em dialetos e aí mistura também, né? Mistura dentro das letras que os compositores aqui já escrevem em portunhol” (MILONGA). Além de ser um jeito de falar, o portunhol origina letras de músicas, nomes de pratos e nomes de festivais (STURZA, 2019), como evidencia-se nos seguintes trechos de Candombe e durante a observação direta no evento 1ª *Peña* Fronteira:

“A gente sempre carrega nos discos que a gente grava, tem uma ou duas composições em espanhol e as músicas que são em português, trazem um pouco do portunhol também, né? Então isso é uma característica que a gente traz desde sempre. Isso já tá na própria formação da gente, no sotaque da fronteira” (CANDOMBE).

“O nome da composição *Encandilado*, já é em espanhol, né? Porque ela é em português, mas ela tem alguns termos, assim que são *doble chapa*. É *Carniceria* de Fronteira, também é um chamamé que a gente compôs, que retrata a questão das *carnicerias* da linha ali que a gente sempre costuma recorrer no final de semana para comprar uma carne” (CANDOMBE).

“Ao chegar no *pub*, encontrei o Candombe e o Chamamé. Observo que Chamamé se comunica com o público. Ele usa expressões como: *Buenas* amigos; vamos parar de *charlar* e cantar; *nosotros* aqui; *entonces* gurizada. Além dos nomes das composições e repertório em portunhol” (DIÁRIO DE CAMPO).

A identidade cultural fronteiriça também é fortemente marcada pelos **modos de se alimentar**. Tendo em vista que a Fronteira da Paz é uma fronteira seca, na qual os moradores dos dois países têm livre acesso para estar do outro lado (IBGE, 2021), para a área gastronômica isso se torna um ponto de suma importância por ter disponibilidade e experiências para reposição ou para adquirir novos **insumos**, além de uma explosão de elementos culturais em forma de sabores. Pode-se confirmar esse fato quando Carreteiro comenta sobre a facilidade em encontrar produtos nos dois países: “Pra parte da gastronomia é excelente, tu tem outro país ali do lado, né? Tu tem outra cultura, tanto em pratos, em insumos, em mercadorias que tu não consegue achar e tu acha ali” (CARRETEIRO). O acesso a mercadoria facilita quando não encontrado em um ou outro lado da fronteira.

Outra manifestação é a **comida campeira** que, de acordo com os entrevistados da área gastronômica, é a culinária simples e típica da região, característica na qual o Carreteiro tem como referência devido a influências de vida e da família. Ao elencar sobre os elementos da fronteira, ele sempre tenta agregar algum item que descreve a região, evidencia-se esse fato na seguinte fala: “A parte de culinária a gente tenta colocar alguma coisa, tipo o *choripan* e a *parrilla* que sai muito também” (CARRETEIRO). A região da Fronteira da Paz é rica por ter grande extensão de terras e para desenvolver a pecuária, a agroindústria e a agricultura. Ou seja, muito do que é produzido, também é cultivado pelo fronteiriço. Observa-se esse fato quanto ao tipo de gastronomia do Choripan, o qual cria pratos mais elaborados e tem como prioridade os insumos da região, tentando adaptar o que tem disponível no momento. Pode-se perceber isso quando mencionado sobre a comida campeira: “Eu gosto de pegar os ingredientes daqui, né? Valorizar o produtor primeiro e aí pegar esses produtos daqui o ovino, as nozes, o mel, azeite, vinho e os queijos que tem, e com isso fazer uma comida mais elaborada” (CHORIPAN). As características das carreiras de músicos e *chefs* gastronômicos estão interligadas uma à outra, percebe-se quando Chamamé faz referência sobre os elementos culturais: “O chimarrão, o mate, o churrasco, a gastronomia como um todo, a vestimenta e os usos e costumes. Nesses itens aí já falamos toda música nativista como um todo” (CHAMAMÉ).

Essa mistura de culturas do Brasil-Uruguaio dentro da área gastronômica faz com que sejam criados **novos produtos através das referências culturais da fronteira**. Identifica-se esse fato, quando Parrillada consegue usar elementos uruguaios, sem perder o toque da culinária brasileira, originando-se um novo produto com essa mescla de culturas: “O hambúrguer picanha

ele é inspirado no pimentão vermelho assado, enfim, coisas que a gente encontra em algumas *parrilladas* no Uruguai. Então tem coisas que eu vou puxando, algumas tendências ou características da culinária da fronteira dos uruguaios” (PARRILLADA). A linguiça também caracteriza-se como um insumo que é tipicamente comercializada na Fronteira da Paz por ser um produto original da região. Durante a entrevista com Choripan, o mesmo retratou que após a sua formação na graduação em Gastronomia, inaugurou o primeiro restaurante em Porto Alegre e levava muita linguiça da fronteira para a capital gaúcha. Por não ter na região algo semelhante, os clientes começaram a aumentar a demanda e ele mesmo resolveu produzir a linguiça. Percebe-se que esse produto fronteiriço também é utilizado por outros *chefs*, como no relato de Parrillada: “o produto que eu utilizo bastante são as linguiças, né? Que são bem peculiares aqui da fronteira, o tipo e temperos de linguiça” (PARRILLADA).

As **manifestações artísticas e de lazer** também são essenciais para a identidade cultural fronteiriça. Prestes e Grisci (2021) destacam que chefiar uma cozinha é comparado a compor uma música devido à complexidade e às peculiaridades dos processos. Embasado-se nesse contexto, todos os artistas entrevistados, além de músicos, são compositores, nos quais elencam **ritmos** que se destacam quanto ao artista fronteiriço e que estão presentes em suas carreiras através de composições e pratos. Percebe-se a mescla de elementos na fala de Candombe “o chamamé que é mais forte na Argentina, o Uruguai aqui com a milonga e o candombe” (CANDOMBE). Observa-se a semelhança entre os ritmos da cultura do Rio Grande do Sul, Uruguai e ainda Argentina, e o quanto essa característica cultural é representada na identidade do artista fronteiriço. Conforme o relato de Chacarera:

“Quando eu vou pras festas aí no interior do Uruguai, pros festivais de folclore, pras *peñas*, pras *criollas*, eu vejo muita semelhança com a nossa cultura aqui, com o que a gente vive, né? E musicalmente falando, eu acho que eu consigo ter no meu trabalho uma mescla das duas vertentes. A música uruguaia tem muito essa questão de ter grandes violonistas, solos de violão, as milongas. Da Argentina, a chacarera que é um ritmo que eu gosto muito de cantar, que faz parte do meu repertório em várias músicas. E da cultura do Rio Grande do Sul, acho que dê tudo um pouco, né? A minha vestimenta, que é também importada da vestimenta argentina e uruguaia, é uma mistura de tudo” (CHACARERA).

Outro elemento que forma a identidade cultural fronteiriça é a **vestimenta**, que para Canclini (2015) é um item de representação da cultura em viver na sociedade. A região do Rio Grande do Sul tem como costume utilizar roupas que representam a cultura e folclore gauchesco. Quando os músicos realizam apresentações ou até mesmo no cotidiano, tem como hábito cultural estar com roupas tradicionalistas, mais conhecido como pilcha gaúcha e que para Hall (2020) estaria relacionado à simbologia do local. A vestimenta dos homens é composta por bombacha, camisa, lenço, bota ou alpargata. Já das mulheres é o conjunto de vestido; camisa e saia, ou; camisa, bombacha e bota ou alpargata. Porém, o não uso desses trajes não representa que o fronteiriço não tenha como costume seguir a tradição da região.

Evidencia-se esse fato quando Chamamé comenta que apesar de cantar e compor músicas tradicionalistas, isso não interfere em sua vestimenta: “Independente de eu estar hoje de calça jeans e eu não tenha por costume vestir uma pilcha, tenho um orgulho imenso de ser dessa terra, de ser fronteiriço e levar isso seja na sua hospitalidade, usos e costumes” (CHAMAMÉ). Observou-se no evento 1ª *Peña* Fronteira esse fato, na qual “Chamamé foi convidado do Candombe e que não estava vestido com roupas tradicionalistas, diferentemente dos outros que ali se apresentavam” (DIÁRIO DE CAMPO). Pode-se perceber isso também na fala de Chacarera que segue outras referências quanto a sua vestimenta. Ela comenta que “sempre busquei ter um estilo próprio assim, um estilo que fosse só meu, que tivesse referências da vestimenta regional, mas que não fosse a cópia de nenhuma outra artista” (CHACARERA) e complementa em outra fala “eu uso bota, mas eu também uso alpargata, mas eu também uso bombacha e também uso saia bombacha” (CHACARERA).

Por fim, o último elemento que forma a identidade fronteiriça são as vivências do **fronteiriço**, devido santanenses e riverenses estarem cotidianamente interligados e terem o

livre acesso de uma cidade a outra, seja para motivações de trabalho, estudo, lazer, compras, entre outros. Candombe ilustra essa ideia: “Em qualquer lugar que a gente vai, a gente é reconhecido por essa fronteira, que não tem divisão. Onde se mescla o próprio idioma, os ritmos da música e da pampa gaúcha, tanto do Brasil, quanto do Uruguai vão se mesclando” (CANDOMBE). Na Fronteira da Paz, existe uma divisão geográfica, que é uma linha imaginária, onde separa os dois países (ENNINGER, 2013; IBGE, 2021), embora quem vive nessa fronteira não considere que há uma separação, evidencia-se na fala de Choripan:

“Pra mim aqui não tem fronteira. A fronteira é pros de fora que chegam e falam: aqui é Brasil, aqui é Uruguai. Porque fronteiroço é ser brasileiro e uruguaio misturado. Essa mistura é o que é bonito aqui. Daqui um pouco o brasileiro tá falando com o uruguaio em espanhol, o uruguaio falando em português com brasileiro” (CHORIPAN).

Viver num local de fronteira seca tem diversas marcas nas mesclas de culturas e identidades (HALL, 2020). Devido ao espaço geográfico ser uma linha imaginária, o trânsito e a convivência de brasileiros e uruguaios acaba por conectar as diferentes formas de se alimentar e formas artísticas, fragmentando a cultura musical e alimentícia da região (SILVA, 2019), constituindo uma identidade cultural que não é brasileira, nem uruguaia, é fronteira. O ser fronteiroço é capaz de formar subsídios para formação de carreiras fronteiriças.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou como objetivo geral analisar como o hibridismo das culturas brasileira e uruguaia se apresenta nas carreiras de indivíduos na Fronteira da Paz. Para isso, realizou-se o primeiro objetivo específico: (i) mapear profissionais em Sant’Ana do Livramento e Rivera cuja carreira destaque a identidade cultural fronteira Brasil-Uruguai. Foram realizadas entrevistas narrativas com cinco músicos e quatro *chefs* gastronômicos, que possuem carreiras consolidadas e bastante presentes nos eventos locais por trazerem para o centro dos seus trabalhos as referências da origem familiar e do lugar onde vivem, mesclando as vivências do cotidiano nos modos de artísticos e alimentares da região fronteira. Mesmo a maioria dos profissionais não tendo formação formal nas suas áreas de atuação, a aprendizagem de seus ofícios perpassa por estas vivências culturais binacionais do cotidiano e é isso que os diferencia e os destaca como profissionais reconhecidos na região da Fronteira da Paz.

Em relação ao segundo objetivo específico: (ii) analisar a trajetória e as características do momento atual da carreira desses profissionais. As carreiras dos músicos e *chefs* gastronômicos perpassam pelo intercâmbio das culturas brasileira-uruguaia e são apresentadas desde as suas origens e formação familiar fronteira. Essa relação é evidenciada desde sua infância, caracterizada através das vivências e influências, que são refletidas no início da carreira desses profissionais. Em sua maioria, os entrevistados apresentam outra atividade laboral e a participação em eventos binacionais é utilizada como uma estratégia quanto à carreira profissional, ainda mais quando são realizados na Fronteira da Paz, devido à influência da região. Foram apresentadas as dificuldades enfrentadas durante a trajetória, como ser artista independente e as pressões para expandir para outros ritmos musicais, as transformações que aconteceram ao longo das gerações e ainda, os planos futuros quanto a sua carreira.

Em relação ao terceiro objetivo específico: (iii) identificar e analisar elementos que compõem a identidade cultural fronteira destacando sua importância e influência na carreira desses profissionais. A identidade cultural fronteira é formada inicialmente pelo fragmento das identidades proveniente das famílias híbridas, compostas por brasileiros, uruguaios e *double chapas*, característico de quem possui duas nacionalidades. O portunhol e o sotaque do fronteiroço foram evidenciados na maioria dos entrevistados, devido ao intercâmbio de culturas que ocorrem diariamente entre as cidades e o contato direto do português-espanhol. Os modos de se alimentar também evidenciam a identidade fronteira, pela facilidade e peculiaridade de encontrar certos insumos em um país ou outro, de cozinhar a típica comida campeira e de criar novos produtos misturando ingredientes. Como manifestações artísticas e de lazer, salienta-se os diversos ritmos de países que incorporam o fronteiroço. Outro elemento é a vestimenta

característica e de representatividade da região. Por fim, foi evidenciado que as vivências do fronteiro, devido à hibridação das culturas brasileira e uruguaia, incorporam a cultura da fronteira na sua identidade, abrindo caminhos para a criação de diferentes carreiras que valorizam tais aspectos.

Diante do exposto, considera-se que os objetivos desta pesquisa foram alcançados. Pode-se perceber que o hibridismo das culturas brasileira e uruguaia se apresenta nas carreiras de indivíduos na Fronteira da Paz através de diversos elementos de uma identidade cultural fronteira. Destaca-se como contribuição teórica que esta identidade evidencia como as culturas dos dois países se sobrepõem, se mesclam e formam uma identidade própria e original, que rentabiliza e potencializa o desenvolvimento de carreiras fronteiriças, trazendo uma nova perspectiva para os estudos de carreira em contexto. Como contribuição prática, esse estudo tem como relevância elencar os elementos culturais para os artistas da região, trazendo luz para elementos de valorização social da cultura fronteira e sua rentabilização para o mercado de trabalho e turístico da região.

A pesquisa teve como limitação não conseguir realizar observação direta com os *chefs* de cozinha, pois a maioria deles atua por contrato, não havendo nenhum evento na localidade no período, somente em outras cidades. Por fim, destaca-se as menções ao país da Argentina durante as entrevistas, devido à proximidade com a Fronteira da Paz e por fazer fronteira com outras cidades brasileiras. Assim, como sugestão para estudos futuros, propõe-se identificar, conjuntamente, os elementos das culturas brasileira, uruguaia e argentina nas carreiras de músicos e *chefs* gastronômicos. Ainda, sugere-se o aprofundamento na temática das dificuldades e desafios enfrentados nas carreiras de músicos e *chefs* gastronômicos de mulheres fronteiriças e a ampliação do campo de estudo para carreiras fronteiriças não necessariamente vinculadas às profissões artísticas.

REFERÊNCIAS

- AKKERMANS, J.; KUBASCH, S. "#Trending topics in careers: a review and future research agenda", **Career Development International**, v. 22, Issue 6, p. 586-627, 2017.
- ALENCAR, C. N.; COSTA, M. F. V.; COSTA, N. B. **Discursos, Fronteiras e Hibridismo**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.
- ALMEIDA, R.; DORFMAN, A. Fronteiras Culturais/Fronteras Culturales: um processo de autonomias e de convergências. **Anuário Unbral das fronteiras brasileiras**, v.3, p.135-152, 2017.
- BRASIL. **Decreto nº 5.105, de 14 de junho de 2004**. Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai para permissão de Residência, Estudo e Trabalho a Nacionais Fronteiriços Brasileiros e Uruguaios, Brasília, 14 jun. 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5105.htm Acesso em: 27 dez. 2022.
- CAETANO, J.E.B.; MISSIO, F.J., DEFFACCI, F.A. Fronteira, Música e Identidade Cultural. **Revista Latino Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. Jaraguá, v.3, n.519, p.1-2, 2017.
- CALASANS, R. G.; DAVEL, E. P. B. Gestão de Carreiras Criativas: Passado e Futuro da Pesquisa Acadêmica. **Políticas Culturais Em Revista**, v. 13, n. 1, p. 113-134, 2020a.
- CALASANS, R. G.; DAVEL, E. Gestão de carreiras criativas, identidade e cultura comunitária: Amadeu Alves e a cultura musical Irapuã. **Revista Administração em Diálogo-RAD**, v. 22, n. 2, p. 91-114, 2020b.
- CALVOSA, M. V. D. Perspectivas e Decisões de Carreira: dilemas entre a vida profissional e pessoal. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 11, n. 1, p. e11129-e11129, 2020.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. 7. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- CHANLAT, J-F. Quais carreiras e para qual sociedade? (I). **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, p. 67-75, 1995.
- CHANLAT, J-F. Quais carreiras e para qual sociedade? (II). **Revista de Administração de Empresas**, v. 36, p. 13-20, 1996.

CORADINI, J. F. et al. Adaptabilidade de carreira: produção científica dos últimos 10 anos. **Revista Gestão Organizacional**, v. 15, n. 1, p. 243-257, 2022.

DELUCA, G.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.; CHIESA, C. D. Projeto e metamorfose: contribuições de Gilberto Velho para os estudos sobre carreiras. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 20, p. 458-476, 2016.

ENNINGER, R. Z. Identidade e hibridação cultural em fronteiras: conceitos e aproximações. V **Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação**, 2013.

FABIANO Torres apresenta projeto Musical Sotaques de Fronteira. **Jornal A Plateia**, Sant'Ana do Livramento, 26 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.aplateia.com.br/2021/07/26/fabiano-torres-apresenta-projeto-musical-sotaques-de-fronteira/>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

FERRARO, E. H. O conceito “campeiro” na música regional gaúcha: uma configuração da ordem artístico/cultural. **GIS-Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia**, v.5, n. 1, 2020.

FRAGA, A. M.; GEMELLI, C. E.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. Cenário das publicações científicas em carreira e gênero. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 13, n. 3, p. 158-178, 2019.

FRAGA, A. M.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. Mobilidades no labirinto: tensionando as fronteiras nas carreiras de mulheres. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, p. 757-769, 2020.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**, v. 4, n. 1, p. 44-45, 2002.

GOULART, S.; MISOCZKY, M. C.; FLORES, R. K. Contradições e dinâmicas sociais e econômicas na Fronteira da Paz. **Desenvolvimento em Questão**, v. 15, n. 38, p. 7-43, 2017.

GRANGEIRO, R. R.; BARRETO, A. J. T. P.; SILVA, J. S. Análise de artigos científicos sobre carreira em Administração. **Revista Pens. Cont. em Administração**, v. 12, n. 1, p. 47-60, 2018.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 12ed. Rio de Jan: Lamparina, 2020.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2021**. Municípios de Faixa de Fronteira e Cidades Gêmeas. Brasil: IBGE, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/24073-municipios-da-faixa-de-fronteira.html?=&t=acesso-ao-produto>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

JOVCHELOVITCH, S., BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W., GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. 2 ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2003. p. 90-113.

MAYRHOFER, W.; MEYER, M.; STEYRER, J. Contextual issues in the study of careers. In: GUNZ, H.; PEIPERL, M. **Career Studies**. California: Sage Publications, 2007. p.215-240.

MOURA, B. M.; SOUZA-LEÃO, A. L. Identidade cultural no consumo de fãs brasileiros da National Football League. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, p. 595-608, 2020.

MÜLLER, K. M.; OLIVEIRA, T. C. M. Comunicação, cultura(s) e identidade(s) fronteiriças. In: Enc. de Est.Multidiscip. em Cultura ENECULT,2005, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2005.

MÜLLER,K.M. Entrelaçamentos entre mídia local, identidade e cultura fronteiriça. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte, 2003. **Anais...** Belo Horizonte: INTERCOM, 2003.

PERES, L. B.; SCHERER, L. A. Fatores Culturais e Comportamento Resiliente: um estudo com universitários da fronteira Brasil Uruguai. **Revista UNIABEU**, v. 11, p. 1-18, 2018.

PIMENTEL, F. Como os brasileiros que vivem em regiões fronteiriças são influenciados culturalmente pelos países vizinhos. **Sextante**, Porto Alegre, 2021, ed.57, nov.2021. Disponível em: [A influência cultural dos países vizinhos nas zonas de fronteiras — Sextante](#). Acesso: 07 jan. 2023.

PRESTES, V.; GRISCI, C. L. I. Ritornos de chefs imigrantes: ritmos e marcas da e na cozinha. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 24, p. 201-215, 2021.

RADDATZ, V. L. S. As Representações da Identidade Cultural no Rádio de Fronteira. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação UERJ 2005. **Anais...**Rio de Jan.: UERJ, 2005.

SANTOS, A. L. T. et al. Design e identidade cultural: o papel do profissional na valorização da cultura local. In: VIII Simpósio de Design Sustentável, Curitiba, 2021. **Anais...**Curitiba: SDS, 2021.

SILVA, G.P. Noções de identidade de Stuart Hall e o diálogo com o patrimônio cultural imaterial. In: 30º Simpósio Nacional de História, Recife, 2019. **Anais...** Recife: Anpuh, 2019.

STURZA, E. R. Portunhol: a intercompreensão em uma língua da fronteira. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 81, n. 1, p. 97-113, 2019.